



PAPA FRANCISCO. Querida Amazônia: Exortação Apostólica pós-sinodal ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade. São Paulo: Paulinas, 2020, 88p. (Voz do Papa, 209). ISBN 978-85-35646-03-0

José Neivaldo de Souza *

Papa Francisco, primeiro Pontífice latino americano, tem revelado o rosto de uma Igreja que opta pelos pobres. A primeira atitude, sendo um sacerdote jesuíta, foi adotar o nome Francisco em referência ao Santo, pobre e desapegado, de Assis e instituir o Dia Mundial dos Pobres tendo como base a Carta Apostólica: “Misericórdia e miséria”. Pelo menos três dos seus escritos manifestam o propósito de uma Igreja comprometida com Deus, com as pessoas e com a natureza: *Evangelii Gaudium*, *Amoris Laetitia* e *Laudato Si*. Este rosto preferencial pelos pobres se manifestou também na canonização de Madre Tereza de Calcutá, Oscar Romero e Irmã Dulce.

Na mesma direção da Carta Encíclica *Laudato Si* que coloca o enfoque ecológico sobre “nossa casa comum”, a Exortação Apostólica Pós-sinodal aborda, sob a mesma ótica, e de forma específica, a Amazônia e traz uma reflexão pastoral a todo povo de Deus. É possível ler o texto, “Querida Amazônia” (QA), sob a ótica do método ver, julgar e agir, assim como muitos autores procederam com a Carta

Resenha recebida em 29 de fevereiro de 2020 e aprovada em 13 de março de 2020.

* Doutor em Teologia. Professor na Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR). País de origem: Brasil. E-mail: neivaldo.js@gmail.com

Encíclica *Laudato Si*. Sob este método, o Sumo Pontífice “espera que o leitor ultrapasse a confissão católica e se coloque em debate com todos os que se preocupam com os rumos do planeta terra”, como escreveu SOUZA em seu artigo publicado pela *Perspectiva Teologica* (2016, v.48, n.1, p.147).

Observando a realidade amazônica, as dificuldades dos habitantes da floresta, em meio à extração predatória do lucro e os desafios de uma nova evangelização, Francisco convoca os católicos e convida os cristãos e pessoas de boa vontade a sonharem, à luz da fé e da Palavra de Deus, com uma Amazônia que defenda os direitos dos nativos e de seus habitantes; que preserve a riqueza das culturas que ali resistem; que conserve a beleza natural tão ameaçada e acolha o evangelho da libertação que denuncia as injustiças e a exploração sem limites. Este é o sonho do Papa! O documento “Amazônia querida” aponta para uma nova evangelização e uma nova Igreja com rosto ecológico: um projeto de esperança para a sociedade, a cultura, o meio ambiente e a Igreja.

Um sonho social! Para o Sumo Pontífice, o interesse dos colonizadores, com a desculpa do progresso, continua disfarçado e dissimulado, ameaçando a vida dos mais vulneráveis. A ganância e o lucro são a causa do empreendimento de muitas empresas no território amazônico: apropriam-se das terras, desrespeitam os nativos, privatizam a água potável, desmatam, exploram minérios e petróleo e contaminam o ambiente. À estas operações econômicas, nacionais ou internacionais, Francisco chama de “injustiça e crime” (QA, 14). Segundo ele, é uma exploração que leva à morte social, pois favorece a migração, a xenofobia, a violência sexual, o tráfico de pessoas etc. Esta realidade, muitas vezes justificada ou autorizada pelo poder local e federal, mostra a cara de uma Amazônia ameaçada em suas diversas formas de vida.

O sucessor de Pedro, recorrendo à Escritura, julga que a Igreja deve ser profética diante de tal realidade, por isso deve se indignar e pedir perdão: “indignar-se, como se indignou Moisés (cf. *Ex* 11, 8), como Se indignava Jesus (cf. *Mc* 3, 5), como Se indigna Deus perante a injustiça (cf. *Am* 2, 4-8; 5, 7-

12; *Sal* 106/105, 40)” (QA, 15). Pedir perdão pela omissão e opressão. Recordando o discurso que fez em 2015 na Bolívia, por ocasião do II Encontro Mundial dos Movimentos Populares, Francisco pede perdão pelas ofensas e crimes da Igreja contra os nativos durante a conquista da América e as atrocidades que se seguiram “ao longo de toda história da Amazônia” (QA 19). Ele exorta, todo povo de Deus, a partir para ações transformadoras: superar a ideologia da exploração ilimitada e construir redes de diálogo, de solidariedade e comunhão com os excluídos. O apelo do Papa é que o projeto de desenvolvimento social, na Amazônia, contemple a igualdade entre os povos.

Um sonho cultural! Este sonho, segundo o Sucessor de Pedro, está ligado à melhor obra educadora: “cultivar sem desenraizar, fazer crescer sem enfraquecer a identidade e promover sem invadir” (QA, 28). A realidade dos povos amazônicos faz pensar: com o avanço da colonização eles foram fugindo, hoje muitos são obrigados a migrar para as grandes cidades se sujeitando à pobreza extrema esquecendo suas raízes: “interrompe-se a transmissão cultural duma sabedoria que, durante séculos, foi passando de geração em geração” (QA, 30).

À luz da fé e da misericórdia, Francisco convida ao leitor a refletir numa perspectiva decolonial. Para ele, a cultura dos povos da Amazônia não é “selvagem”, no sentido pejorativo da palavra, mas diferente, tem sua identidade, sabedoria e valores desenvolvidos em conexão com o meio ambiente e com profundo senso comunitário. Propõe, com isso, o acolhimento, a promoção do diálogo, comunicações alternativas e partilha de experiências, pois estas tradições, segundo ele, “apercebem-se facilmente das nossas sombras, que não reconhecemos no meio do suposto progresso” (QA, 36). O apelo do Papa é que o projeto de desenvolvimento cultural respeite e promova as tradições dos povos da Amazônia!

Um sonho ecológico! Francisco observa que os nativos vivem na certeza de que “tudo está interligado”. Eles têm respeito e cuidado pela natureza, pela água que corre nos rios e córregos, trazendo saúde e equilíbrio para toda criatura. Esta

ideia é fundamental no projeto de esperança que precisa se concretizar, cada vez mais, nesta terra ameaçada por interesses espúrios.

Para Francisco, libertar o outro da escravidão implica necessariamente defender e cuidar do meio ambiente onde ele vive e ajudá-lo a se abrir “confiadamente àquele Deus que não só criou tudo o que existe, mas também Se nos deu a Si mesmo em Jesus Cristo” (QA, 41). À imagem de Deus cuidador, o ser humano é chamado a cuidar do semelhante e da criação. Neste sonho inclui os conhecimentos técnicos contemporâneos, mas contempla a sabedoria ancestral como “profecia da contemplação”. Uma profecia que vê o grito da Amazônia “semelhante ao grito do Povo de Deus no Egito (cf. *Ex 3, 7*)” (QA, 52). Amazônia como um lugar teológico é espaço de libertação e de revelação do criador à criatura. Nesta orientação, Francisco exorta ao leitor a voltar a atenção para a preservação das espécies em extinção e, principalmente, a considerar os micro-organismos fundamentais para o equilíbrio dos ecossistemas; exorta à mudança de hábitos e costumes que, até então, interessam a uma cultura predatória. O apelo do Papa é que o projeto de desenvolvimento ecológico, na Amazônia, seja sustentável!

Um sonho eclesial! A Igreja, para o bispo de Roma, tem uma missão diante dos desafios apresentados na Amazônia: anunciar a libertação da miséria material a partir da opção pelos mais rejeitados e defender a vida. Francisco traz uma séria reflexão à Igreja colonizadora que, com códigos doutrinários e imperativos morais procura se impor facilitando a dominação dos povos indígenas e a degradação da cultura e da natureza. Segundo ele, a igreja corre o risco de querer não só evangelizar, mas impor sua forma cultural. É “necessário aceitar corajosamente a novidade do Espírito capaz de criar sempre algo de novo com o tesouro inesgotável de Jesus Cristo” (QA, 69). Em outras palavras, é preciso ver a realidade da evangelização com um olhar crítico e comprometedor.

Estes abandonados têm direito ao anúncio da boa nova: Deus, em Jesus Cristo, se deu por amor. Evangelizar, para ele, não é impor uma cultura, mas sim levar a mensagem de inclusão e diálogo, deixando agir o Espírito de sabedoria

daquela cultura que se volta com respeito aos ancestrais, aos idosos e à preservação de seus valores. Francisco desafia a Igreja a fazer uma “autêntica opção pelos mais pobres e abandonados, ao mesmo tempo que nos impele a libertá-los da miséria material e defender os seus direitos, implica propor-lhes a amizade com o Senhor que os promove e dignifica” (QA 63). Para ele, é preciso formar agentes pastorais, leigos e leigas, diáconos e presbíteros, com o rosto amazônico, isto é, que evitem juízos generalizados e preconceituosos acerca das crenças, rituais, danças e músicas, pois elas manifestam o sagrado e fazem a experiência benevolente de Deus. Uma Igreja aberta, exorta o Papa, que seja ecumênica e inter-religiosa neste pluralismo religioso e que busque na solidariedade o ponto de partida para a promoção dos mais pobres e a preservação da vida. O apelo do Papa é que o projeto de desenvolvimento eclesial, na Amazônia, ajude a criar redes de diálogo e libertação em torno da justiça e do amor de Cristo.

O documento do Papa Francisco sobre “Querida Amazônia” provoca a consciência a observar a realidade amazônica e, à luz da fé cristã, propor atitudes de preservação e cuidado. No que tange aos desafios sociais, culturais e ecológicos, a exortação de Francisco vem de encontro ao projeto “sonho” assinado pelo presidente Jair Bolsonaro que, referindo-se à Amazônia brasileira, permite atividades extrativistas, agropecuárias e hidroelétricas. Ainda que a aprovação dependa do Congresso Nacional, este projeto, além de motivar a invasão de mineradoras e madeireiras, avilta os direitos dos nativos e incentiva o ecocídio. O sonho do Papa é uma motivação para cristãos e não cristãos. É preciso reagir à indiferença: não fechar os olhos e não calar a boca já é um passo importante. Cuidar da Amazônia é cuidar do planeta terra. “Tudo está interligado”.

Em relação às questões eclesiais, muitos leigos e leigas esperavam uma posição mais progressista do Papa, principalmente no que diz respeito à ordenação de mulheres e de homens casados para o ministério de evangelização, o que favoreceria a presença da Igreja em lugares praticamente inalcançáveis. O documento reconhece, lembrando Maria, a mãe de Jesus, os serviços e carismas

das mulheres nas comunidades e propõe estimular o aparecimento de outras funções “que não requeiram a Ordem sacra” (QA, 103).

Independente das críticas, conservadoras ou mais progressistas, vale a pena ler o documento, pois ele traz a ideia de diálogo e integração: “tudo está interligado”. Favorece uma boa reflexão acerca da realidade social, cultural, ecológica e eclesial, não só para a Amazônia, mas para todo ecossistema do planeta.